



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



KÁTIA CRISTINA GRIGÓRIO COLOMBI

**MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E REDIMENSIONAMENTOS
DAS PRÁTICAS**

BURITIS/RO
2017

KÁTIA CRISTINA GRIGÓRIO COLOMBI

**MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E REDIMENSIONAMENTOS
DAS PRÁTICAS**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Buritis, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação da Professora Doutora Marilsa Miranda de Souza.

BURITIS/RO
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E REDIMENSIONAMENTOS DAS PRÁTICAS

KÁTIA CRISTINA GRIGORIO COLOMBI

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Prof^a. Dr^a. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Orientadora/Presidente: Prof^a Dr^a. Marilsa Miranda de Souza

Membro: Prof.^a Dr^a. Marijane Silveira da Silva

Membro: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Cordeiro

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pela minha vida, pela oportunidade de realizar um sonho, por ter colocado pessoas especiais no decorrer do meu percurso e por ter sido meu refúgio e minha fortaleza nas horas mais difíceis.

A minha mãe pelo apoio, pela preocupação, pela paciência que tem dedicado a mim.

Aos meus filhos Samuel e Jhúlyla, pela compreensão em meus muitos momentos de ausência e cuja existência me fizeram melhor como pessoa e como profissional da educação, na medida em que, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento cognitivo, compreendi tantas coisas que não conseguia elucidar em meus alunos.

Aos tutores que passaram momentos ao nosso lado sempre nos ajudando e nos apoiando, esclarecendo nossas dúvidas, que não foram poucas.

A minha orientadora de memorial, pois sem o suporte dela não teria conseguido concluir com êxito esse memorial.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Este Memorial de Formação é o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia realizado na modalidade Educação a Distância na Universidade Federal de Rondônia-UNIR, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil-UAB/ Polo de Buritis, pela acadêmica Kátia Cristina Grigório Colombi. A autora aborda pontos relevantes da trajetória da vida estudantil e profissional descrevendo as recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências pessoais e adquiridas, suas dificuldades materiais e o processo de resistência diante de desafios, como cuidar de um filho com necessidades especiais, o que a conduziu a priorizar os estudos sobre educação especial e inclusiva. Analisa o processo de construção do conhecimento durante o período de formação no curso de Pedagogia, as transformações e redimensionamentos das práticas pedagógicas decorrentes dessa formação e as perspectivas de futuro após a conclusão do curso.

Palavras-chave: Formação. Educação Inclusiva. Práticas Pedagógicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 DA INFÂNCIA À ESCOLA	6
2.1. Pensamentos enraizados na memória.....	8
3 MOMENTO MÃE	11
3.1. Escola e família: cuidando da criança com deficiência.....	13
4 A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA E A PROFISSÃO DOCENTE	17
4.1. As disciplinas do curso de Pedagogia e suas marcas na minha formação pedagógica.....	18
4.2.A realidade da prática e as metodologias de ensino.....	22
4.3. A relação professor-aluno.....	24
4.4.A minha estrutura.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2017 surge uma necessidade em meu caminho, escrever um memorial para ser entregue como pré-requisito para avaliação da disciplina de trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia, na modalidade a distância pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR em parceria com a Universidade Aberta do Brasil - Polo de Burity/ RO.

Para elaborar esse memorial considereirei todas as condições, situações, elementos e fatos que marcaram a minha vida. Tomo as palavras de Guimarães Rosa para ara expressar esse sentimento:

Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas. (ROSA, 1986, p. 172).

Aqui, deixo as memórias de meu passado, que se limita a minha vida escolar desde a infância até minha formação acadêmica na Universidade Federal de Rondônia.

Descrevi, sucintamente dividindo em seções para melhor entender meu processo de formação, a saber: Da infância à escola, relato toda minha infância, minha vida escolar e os momentos que marcaram minha vida; Na seção Momento Mãe relato um dos momentos mais marcantes da vida e as dificuldades que enfrentei na escola e na família cuidando de um filho com deficiência. Discuto sobre as dificuldades e aceitação da pessoa com deficiência no processo de inclusão; Na terceira seção trato da formação no curso de Pedagogia e da profissão docente, através da qual coloco como foi a vivência, a realidade da prática, as metodologias de ensino e a relação professor-aluno, discutindo como é ser professor na prática e o que as metodologias de ensino pode contribuir. Concluo expondo minhas expectativas e desafios e como se afirmou minha estrutura.

Tudo faz parte do mundo do professor: tristezas, alegrias e, às vezes, emoções tão grandes que nem podem ser contadas. Uma batalha por dia, um desafio constante, que cada vitória faz renascer a esperança e a vontade de

continuar. As condições de trabalho podem variar, mas o professor é professor, vive cada minuto do seu dia em classe e gosta do que faz, não importa o lugar.

1- DA INFÂNCIA À ESCOLA

Eu sou a filha caçula de oito irmãos da família Colombi. Nasci na cidade Pinheiros – Espírito Santo, no ano de 1977. Hoje tenho 40 anos, sou divorciada, tenho um lindo rapaz de 20 anos chamado Samuel e uma linda princesa por nome Jhúllya. Sempre estudei em escola pública. Formei-me no antigo magistério em parceria entre MST, UFES e a Escola Santo Antônio em São Mateus-ES, no ano de 1998. Desde então, me tornei professora e me considero uma amante da profissão.

Antes de falar do meu caso de amor com a educação infantil, gostaria de falar um pouco mais sobre minha história de vida. Sempre fui cercada de muitos cuidados. Minha mãe teve uma gravidez difícil e por ter sofrido uma queda quando ainda estava grávida de sete meses, passou por período difícil após o parto. Nasci com dificuldades de respirar, mas com o passar do tempo foi se normalizando. Nasci pequena e até a idade de 15 anos fui muito magra e sempre estava doente. Minha mãe conta as travessuras que meus irmãos e eu aprontávamos, como comer banana verde.

Sempre morei em sítio e continuo morando até hoje. Posso dizer que as lembranças da minha infância, da minha vida escolar, se confundem com a vida difícil que levávamos. Andávamos em média 10 quilômetros para conseguir chegar até a escola, mas nada que nos fizesse perder a essência da infância marcada por arranhões e brincadeiras.

Antes mesmo de entrar na escola eu já cantava as músicas infantis, pois brincava com meus irmãos mais velhos, primos, vizinhos de escola. Minha irmã, por ser mais velha que eu, fazia questão de que, quando chegasse à escola, já conhecesse o alfabeto. Ao ingressar na escola já sabia fazer meu próprio nome e de todos os meus irmãos, além de saber cantar diversas músicas. Iniciei na turma da primeira série, pois no sítio não tinha pré-escolar no ano de 1982, na Escola Unidocente Córrego Santa Rita.

Durante as aulas eu tinha o prazer de ajudar meus colegas e por muitas vezes eles iam até minha casa para eu pudesse auxiliá-los. Eu, orgulhosa por compartilhar meus saberes, atendia com verdadeiro prazer e disposição. Sentia-me

como alguém responsável pelo ato de ensinar, mesmo com tão pouca idade. Como afirma Freire (1996):

[...] Ensinar exige disponibilidade para o diálogo. [...] Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. (FREIRE, 1996, p. 136).

Como é bom me lembrar da minha vida na escola! Posso afirmar que sempre fui feliz nela, mesmo passando por situações difíceis. Mas, acredito que tudo serviu para me tornar uma pessoa melhor, uma profissional com referência de como ser uma pessoa que marca ao passar na vida de alunos. Tudo que faço hoje na minha profissão de educadora, de certa forma, aprendi com os meus mestres, tanto com os de casa como os das escolas que frequentei. E a que me refiro que aprendi? Aprendi a ser solidária, ter rotina, cantar no começo da aula (não me esqueço do momento em que todas as turmas se reuniam no pátio para cantar).

A escola era pura diversão. A gente costumava rolar no gramado da escola, onde tinha um declive e, geralmente, os adultos não interferiam nessa brincadeira “perigosa”. Hoje confesso que não deixaria os meus alunos repetir essa travessura, pois eram frequentes as batidas de cabeça, ferimentos na grama e encontrões com outros colegas. Essa era uma alternativa para a falta do parque. Em compensação, brincávamos de tudo que criança de verdade brinca: bola, amarelinha, estátua, corre-cutia, cadeirinha, “meu burrinho leva carga sem sentir”, elástico, pique - esconde, sem contar que na escola dançávamos todas as músicas da Xuxa, Mara Maravilha, Balão Mágico, Trem da alegria, etc.

A escola foi para mim um lugar mágico, maravilhoso. Diante dessa trajetória tão significativa pra mim, reporto-me a Andrade (1999, p.3):

[...] trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá estar.

Todas essas boas lembranças, entre outras coisas, me influenciaram na escolha da profissão. Eu queria continuar nesse lugar encantador e disseminador de

conhecimentos, facilitador da socialização, onde a cultura era dada a conhecer e se modificava. Procurei durante o meu curso normal (magistério) aproveitar tudo que me fizesse uma boa professora.

Felicidade! Para mim, essa é a palavra que deve ser a marca identificadora da Educação de crianças. Apesar de a teoria dialética afirmar que desenvolvimento vem com o sofrimento, acredito que mesmo o sofrimento do período da separação dos pais, a dificuldade em aceitar as regras, o aprendizado de compartilhar, produz bons frutos. Não dizem por aí que a função da Educação é formar cidadãos? Compartilho o pensamento de Oscar Wilde: “A melhor maneira de tornar as crianças boas, é torná-las felizes”.

Quero tornar boas as crianças com quem convivo. Boas em se expressar, em entender o mundo, em socialização, em companheirismo, em criação, em união, em amar e em ser amadas. Pois, no final das contas, são as relações que ficam na mente. Eu não me lembro de quantas vezes fiz bolinhas de papel crepom na minha turma de prezinho, mas me lembro de muitas risadas, das músicas, das brincadeiras e do cheiro de tempo bom. Essas lembranças que me visitam quando estou em casa com meus sobrinhos e com meu filho ou atuando na minha escola. Servem como bússola e me ajuda a constatar que sou uma educadora de crianças.

1.1. Pensamentos enraizados na memória

Sempre falo que as dificuldades pelas quais passei na minha infância me fizeram perceber que a vida deve ser exercitada a cada momento. Dificuldades me fizeram crescer enquanto pessoa e chegar até aqui nessa etapa tão importante da minha vida, a conclusão do meu curso de graduação.

Eu, Kátia Cristina, apesar de todos os momentos difíceis vividos, não tenho vergonha de falar sobre minhas origens. Minha mãe é um referencial de mulher batalhadora e guerreira. Se hoje cheguei aqui, é porque ela acordou muitas madrugadas para tirar leite e derramou suor para que eu obtivesse meu crescimento pessoal e profissional.

São muitas lembranças que tenho, pois mesmo com as dificuldades, conseguir superar e ser uma adolescente saudável e de boa cabeça para entender e resolver seus problemas. Como diz Thiago de Mello (2005, p.2).

Por isso é que agora vou assim ao meu caminho. Publicamente andando. Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar. Aprendi (o caminho me ensinou) a caminhar cantando como convém a mim e aos que vão comigo. Pois já não vou mais sozinho.

Hoje estou com 40 anos, divorciada, dois filhos e feliz. Minha história de vida se mistura a de muitas outras Kátias, Marias, Joanas. Mas compor essas histórias é retratar uma sociedade de injustiças sociais. Não culpo a sociedade pelo que fui ou vivi em tempos atrás, agradeço-a por eu ser a pessoa que sou hoje, a mesma menina sapeca. Agora, determinada e feliz por tudo que consegui alcançar até aqui. As lembranças... Essas me fazem ver que não posso jamais ser o que fui e nem focalizá-las em tristezas, mas em histórias que me permitam pensar e tecer reflexões pelo que fui enquanto aluna e o que serei como educadora e transformadora de opiniões.

O juramento que fiz no dia da colação de grau não sai da minha mente: “Se formar homens eu conseguir, sentir-me-ei honrada”. Com isso na cabeça, iniciei a minha carreira aos 20 anos, numa turma de educação multisseriada.

Recém-terminado magistério, com toda energia possível, lá vou eu lecionar em uma escola com 29 alunos, quatro turmas em um único período. Adentrei aquela escola, era um misto de alegria e medo, pois me pegava imaginando. Será daria conta de todos os alunos? Será que atingiria o meu objetivo sendo professora recém-formada? No final da manhã daquele dia 2 de fevereiro do ano de 2000, vibrei de felicidade, mas também chorei de medo, pois a mim tinha sido atribuída a responsabilidade de alfabetizar e ajudar 29 alunos para o caminho da vida.

Tudo era novo: preencher diário, coordenar, não ter recreio, não ter parque, ter de “ensinar” conceitos como alto e baixo através de exercícios mimeografados do tipo “pinte a árvore mais alta”. Isso não fazia sentido na minha cabeça: se na escola tinha muitas árvores, por que a gente não podia fazer comparação entre elas? Parece que seria perigoso e de fato era. Meninos grandes correndo, projeto arquitetônico falho, falta de um monitor para auxiliar, com 29 crianças...

Mesmo assim, sem saber direito o que estava fazendo, o meu início na carreira foi legal, apesar de ter sido uma época onde o conceito de construtivismo estava sendo mal interpretado nas escolas. Deixei uma boa marca nos meus lindinhos que dançaram muito as músicas das “chiquititas” comigo e experimentaram

atividades psicomotoras e teatrais, além de fazer muita bolinha de papel crepom (era moda na época).

2. MOMENTO MÃE

O sonho de toda mulher é se tornar mãe, um momento mágico e único em nossas vidas. Aos 19 anos engravidei. Não digo que foi uma gravidez planejada, mas no momento em que soube que estava grávida já o amava. Conseguia imaginar o rostinho daquele bebê que carregava em meu ventre, fazia escolha de nomes, planejava um futuro para ele e já o imaginava em meus braços. Sabia que seria amado e muito desejado. Em 30 de julho de 1997 nasceu o meu filho, momento de tamanha felicidade que não me contive. Lágrimas desciam em meu rosto mas, para que meu filho nascesse, tive sérios problemas no momento do parto. Fiquei em coma, tive parada cardíaca, choque anafilático e eclampsia, tudo na mesa de cirurgia. Naquele momento não sabia de conseguiria ver o meu filho crescer, mas consegui sair com vida.

O ser mulher carrega a obrigatoriedade do tornar-se mãe de uma criança dentro de um "padrão" idealizado pela sociedade. A gestação e o nascimento bem sucedido podem ser considerados uma vitória em que a mulher tem a sensação da confirmação de sua potência/competência na tarefa de procriar. Entretanto, o nascimento de uma criança portadora de necessidades especiais, fragmenta essa sensação de capacidade/confiabilidade, causando uma lenta e profunda ferida narcisista de difícil recuperação que leva a família a enfrentar uma situação extremamente delicada, na qual afloram sentimentos ambíguos, frente a esse novo ser.

Quando sai daquele hospital com meu filho nos braços foi um momento único em minha vida, pois sabia que a partir daquele momento a minha responsabilidade aumentaria, tinha o dever de proteger, educar e dar amor a ele oferecendo o meu melhor. Mas o tempo foi passando e como toda mãe sente quando tem algo de diferente na vida dos filhos, percebi que meu pequeno aos três meses não fazia alguns movimentos que pode um bebe da mesma idade fazer. Procurei ajuda de um pediatra da cidade, mas o mesmo foi tão ríspido e grosseiro que disse que tudo tinha o tempo certo para acontecer. Ainda assim, não me conformei, procurei outra pediatra de outra cidade e ela foi muito sincera comigo me dizendo que realmente tinha algo de anormal com meu filho. Pedi-me vários exames. E, para minha surpresa, medo, desespero e angústia saiu o laudo médico que meu filho tinha

Paralisia Cerebral (PC). Meu Deus, que desespero! Chorei...queria morrer. Perguntava-me como iria dar conta de cuidar de uma criança com deficiência, lembrando que no primeiro momento contestei, não aceitei. Hoje me dói, pois até rejeitei meu filho naquele momento, não querendo aceitar a sua deficiência. Mas precisava ser forte e naquele momento com meu filho nos braços, indefeso, inseguro, decidi que iria lutar por ele com todas as minhas forças.

Minha maratona estava só começando, procurei fisioterapeutas, fonoaudiólogos, neuropediatras e todo suporte que podia para ajudá-lo. Aos nove meses meu filho começou a se arrastar. Chorei de felicidade.

Levava ele três vezes por semana para fazer fonoterapia e fisioterapia na APAE da cidade que morava. Levei ao neuropediatra e para minha felicidade na tomografia e ressonância feita foi detectado que a paralisia do meu filho só tinha atingido a dicção dele e a parte motora física. O cognitivo dele estava intacto. Nesse momento percebi que meu filho teria sim, limitações, como tem até hoje, mas que o seu intelecto seria perfeito. Mas a minha luta não parou, continuei levando ele para tratamentos. Aos 3 anos ele falou mamãe, aos 5 anos deu seus primeiros passos com dificuldades, mas deu. Mais caía do que andava, mas aquilo me deixava feliz.

Em 2004 vim embora para Burity, novamente passei por dificuldades, pois não conhecia ninguém na cidade e onde encontrar profissionais para continuar fazendo as terapias de que ele precisava, mas como sempre Deus envia anjos bons em nossas vidas, por um acaso conheci um fisioterapeuta e sua esposa que me ajudaram e ajudam bastante e meu pequeno voltou a fazer terapias. Mas começava outro problema. Ele estava na idade de frequentar a escola. Ouvia varias pessoas me falando para não coloca-lo na escola, pois ele iria sofrer rejeição. Então comecei a alfabetiza-lo em casa, ensinar seu próprio nome através de alfabeto móvel e obtive êxito. Mas, novamente conheci outro anjo enviado por Deus, a professora Dalva, esta passou a frequentar minha casa para conhecer meu filho e no ano seguinte matriculei-o na escola em que ela dava aula. Para minha felicidade ele conseguiu se socializar com todos os colegas, não teve rejeição e conseguia desenvolver perfeitamente. Concluiu o 5º ano em 2009 e mais uma vez voltei a ter problemas. Fui procurar vagas para matricular no 6º ano em uma escola da cidade e me negaram vaga para ele quando disse que ele tinha deficiência. Decidi que não iria ficar assim. Procurei o Ministério Público, recorrendo ao direito do meu filho frequentar a escola

de ensino regular. Consegui matricular ele em 2011, quando nesse mesmo ano comecei a trabalhar com educação especial na APAE da cidade. Se já lutava pela pessoa com deficiência, passei a lutar mais ainda.

Em 2016 meu filho concluiu o ensino médio e hoje, 2017, ele está cursando o segundo período de psicologia. A luta foi grande até aqui e tenho certeza que muitas outras ainda virão, mas jamais deixarei de lutar, não me acovardarei nunca. Nesse tempo falando sobre meu filho, em maio de 2007 nasceu também minha princesa. Tive uma gravidez tranquila, um parto tranquilo, trabalhei até o dia 3 de maio e ela nasceu dia 4. Mais uma vez um momento único na minha vida. Minha filha também veio com um problema. Nasceu com toxoplasmose congênita afetando a visão direita dela. Mas também não desisti e minha luta com ela começou aos 45 dias levando a oftalmologista e pediatra, consegui controlar a toxoplasmose do olho, mas ele teve perda de 90% da visão do olho direito. Hoje ela usa óculos e está estudando o 4º ano e digo que cada dia é uma nova batalha.

2.1 A escola e a família: cuidando da criança com deficiência

A escola que recebe crianças com deficiências também acaba por desempenhar, dentro de suas funções educacionais, um papel de assistência às famílias. O que, por consequência, poderá trazer maiores possibilidades de êxito em resultados para os alunos. Essa relação de parceria entre família e escola acontece de forma primordial nas entrevistas familiares. É importante que os integrantes da escola, sobretudo os professores e os coordenadores pedagógicos, construam um vínculo com os membros da família do aluno deficiente.

Tudo começa com a importância de saber ouvir. A melhor maneira de determinar as necessidades de desenvolvimento de uma criança nessas condições é que ela mesma e os membros familiares digam a seus próprios modos. Dessa forma, pode-se permitir que esses indivíduos tomem a iniciativa da palavra e dominem a maior parte das entrevistas. Essa se torna uma ferramenta eficaz para o fornecimento de pistas sobre a criança que também indicará se os familiares estão preocupados com o diagnóstico ou se aceitaram a deficiência do aluno.

De acordo com a maneira como os familiares se expressam, os profissionais da escola poderão compreender qual será a melhor terminologia utilizada para

referirem-se à criança e à deficiência que ela apresenta. É fato que a maioria dos pais não entende o jargão profissional. No entanto, os profissionais melhorarão as suas relações com os familiares tratando a criança deficiente como um indivíduo, não como um caso. Referindo-se a ela pelo nome, interessando-se em conhecer suas capacidades, incapacidades e características individuais, em vez de tentar, simplesmente, classificá-la, categorizá-la.

Além disso, não podemos nos esquecer de que, embora o interesse da escola seja pela criança, os familiares devem estar emocionalmente abalados, alimentando sentimentos de culpa e vergonha. Afugentados por estarem sujeitos a terríveis pressões sociais e vulneráveis a críticas, suas atitudes podem estar agravando a situação do aluno.

O desafio para os profissionais da escola é dar tratamento à família de forma cordial, compassiva, prestável e compreensiva, mas sem alimentar uma dependência, ou seja, ajudá-los a uma melhor compreensão de si mesmos, da criança e das suas relações mútuas e, ao mesmo tempo, não assumir papel dominante, proporcionando conselhos e assistência excessivos. Quando um aluno diferente deste padrão é incluído, é com este sistema que se depara cuja estrutura é pouco flexível, não oferecendo muita abertura para uma programação segundo as necessidades e ritmos específicos. E, como toda estrutura, seus componentes estão organizados dentro de uma rigidez, sendo que qualquer alteração mobiliza todos os componentes, gerando, assim, um desequilíbrio.

No que tange à produção de conhecimento, na última década tem sido acumulado um significativo acervo de pesquisas no Brasil, que oferecem dados importantes sobre o processo de inclusão e as dificuldades enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro para sua implementação. No entanto, ainda são poucas as pesquisas, experiências e práticas educacionais validadas cientificamente que mostrem como fazer para incluir no cotidiano de uma classe regular, alunos que apresentem diferentes tipos de necessidades educativas especiais. Segundo estudo de Ferreira e Glat (2003):

Os atuais desafios da Educação Inclusiva brasileira centram-se na necessidade de desenvolver instrumentos de monitoramento sistemáticos (indicadores dos programas implantados), realização de pesquisas qualitativas e quantitativas que possam evidenciar os resultados dos programas implantados e identificação de experiências de sucesso; implantação de programas de capacitação

de recursos humanos que incluam a formação de professores dentro da realidade das escolas e na sala de aula regular do sistema de ensino. (FERREIRA; GLAT, 2003, p.35).

Será comum no desenvolvimento do processo desta parceria ouvir os familiares da criança dizer: “por que não nos disseram isso antes?” ou “ah, se tivéssemos sabido isso mais cedo!”. Em muitos casos, esses familiares foram informados de várias maneiras, mas seus ouvidos não estavam abertos. Por esse motivo, a compreensão e aceitação não podem ser forçadas. A escola poderá apenas apresentar os dados existentes tão completa e honestamente quanto possível – e esperar que eles sejam aceitos.

Assim, a escola deve encarar com naturalidade a decisão dos familiares de ouvirem mais de uma opinião sobre os resultados da criança. Muitos precisam acalantar suas dúvidas e manter suas defesas até estarem preparados para dispensá-las. Pode-se esperar a rejeição inicial dos resultados e de suas implicações, mas somente aos pais caberá tomar as decisões críticas, não à escola. Contudo, sempre que possível, a escola deve estar acessível à família. Os familiares que não são receptivos à realidade da criança num dado momento poderão sê-lo, numa outra ocasião. Todavia, os problemas da criança podem mudar com a idade, e o melhor para o aluno seria que os familiares deixassem a escola com o sentimento de que poderão voltar a ela.

A história revela para a humanidade o caminho da exclusão social do homem. No passado, o indivíduo com algum comprometimento era banido da sociedade através da morte. Porém, hoje este tipo de eliminação não é mais praticado, mas uma exclusão sutil acontece, pelas instituições, como prisões, asilos que foram criados com este objetivo: segregar o “diferente” da sociedade. Foi principalmente na Europa que os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes refletiram em mudanças na atitude dos grupos sociais, concretizando-se em medidas.

A convivência com a diversidade só pode trazer benefícios tanto para as crianças ditas “normais” como para aquelas com necessidades especiais. Vivemos em uma cultura que costuma subestimar a capacidade dos portadores de deficiências porque crescemos acostumados com a segregação das pessoas que apresentam algum tipo de diferença em relação às demais, como se sua convivência na comunidade fosse impossível. A inclusão é um direito das pessoas portadoras de necessidades especiais, e é também, um dever da sociedade mostrar-se

competente para educar e propiciar condições de sobrevivência dignas para essas pessoas (MANTOVAN; PRIETO, 2006).

3 A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA E A PROFISSÃO DOCENTE

Verdade que a profissão de professor vem sendo muito desvalorizada tanto social quanto economicamente, interferindo na imagem da profissão. Em boa parte, isso se deve as condições precárias de profissionalizações-salário, recursos materiais e didáticos, formação profissional, carreira – cujo provimento é, em boa parte, responsabilidade dos governos. (LIBÂNEO, 2004, p. 76).

Falar do professor é se reportar a José Carlos Libâneo, Selma Garrido Pimenta, Antônio Nóvoa, Isabel Alarcão e tantos outros pesquisadores na área de educação, que em seus textos retrata a importância dada a este profissional, ao tempo que invocam sérias críticas à forma como veem sendo conduzida às políticas educacionais para sua formação nos cursos superiores de educação e a própria democratização da educação no ensino superior.

As dificuldades, desafios e a sala de aula, me renderam experiência e a amadurecimento para ser o que sou hoje. E assim fui fazendo meu caminho de construções, de realizações e formando em minha vida, minha responsabilidade profissional e acima de tudo assumindo o papel de zelar por a educação que a mim só rendia bons frutos.

Frente a essa concepção de ensino, é preciso pensar no que a escola tem feito e nós professores o que temos efetivamente desenvolvido: a relação que temos estabelecido entre professores e alunos; os incentivos que damos, ou não, para relações afetivas entre as crianças, que podem abrir um espaço de troca mútua e de um aprender junto; os significados que damos às atividades propostas na escola; a valorização, ou não, do saber do aluno; os procedimentos de avaliação que temos utilizado. Se as teorias mostram a presença dos aspectos afetivos nas interações sociais e sua influência nos processos de desenvolvimento cognitivo (TASSONI, 2000), então nossa prática também não pode dissociá-las. Mas será que nossa prática realmente condiz com a educação que idealizamos? Na realidade, nem sempre é isso que acontece. Embora a maioria dos professores saiba, pelo senso comum ou pela própria prática cotidiana sobre a importância da afetividade na aprendizagem, do desenvolvimento da área de interesses, apreciação, valores, confiança e força de vontade, priorizando dar conta do conteúdo pré-estabelecido, é

sempre o desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança que é enfatizado e valorizado.

3.1 As disciplinas do curso de Pedagogia e suas marcas na minha formação pedagógica

Quem lida com a ciência sabe, pela própria história da filosofia da ciência, que este não é um conhecimento que se gera espontaneamente, nem se dá a produzir sem determinadas condições objetivas de formação humana e de pessoal tecnologicamente preparado e, muito menos interesses econômicos, políticos e ideológicos. Apesar de ser uma necessidade vital de segunda ordem para toda a humanidade. É um conhecimento especial, exige longa formação, método, rigor e, fundamentalmente, condições objetivas, infraestruturas tecnológicas e de financiamento para ser elaborado, produzido, socializado e realmente ser útil e necessário à classe trabalhadora.

Nessa perspectiva o professor é um ser de atividades múltiplas, caracterizadas pela sua força de vontade e persistência, visto que a educação sempre está em momentos de crise absoluta, de um lado o aluno que pouco se esforça, do outro um professor desanimado por vários fatores e no meio deles um sistema educacional que em sua maioria visa números e não qualidade de ensino.

Em 2010, prestei vestibular na Universidade Federal de Rondônia-UNIR – para o curso de Pedagogia – EaD. No início tudo é novidade. Aquele telão transmitindo teorias... Mas tinha horas que cansava em não ver um professor em pessoa física ministrando e tirando as dúvidas em aula. Ter que postar tudo eletronicamente. Muito intrigante. Aprendi aos poucos que os cursos a distância são necessários atualmente por determinar tempo e espaço para os alunos e, no meu caso, então, estava sendo mais que essencial, providencial, pois infelizmente a sociedade nos cobra um diploma e também para aproveitar outras oportunidades que vão surgindo no dia a dia e eu já havia perdido algumas por conta disso.

Falar que algumas expectativas negaram algumas verdades é afirmar que os cursos à distância na atualidade são essenciais, porém trazem monotonia. Sempre senti muita falta da presença de um professor mesmo em sala, quando estava ali um tutor que atendia apenas a instruções já pré-estabelecidas e muitas vezes,

secamente, sem buscar inovações que entrassem em conformidade com o que estava estabelecido pela coordenação geral do curso.

As práticas que já tinha em minha vivência de professora atuante, tenderam a melhoria após as muitas leituras, pesquisas e trabalhos realizados no decorrer do curso e que só aumentaram minhas expectativas saudáveis e a reafirmar que ser professora tem que ser por sentir prazer naquilo que fazemos e não fazer por querer um salário e emprego fixo, assim como acredito que deve ser em qualquer profissão que se busque compromisso e ampliação à carreira. Hoje já não consigo “engolir” tão fácil sem argumentar e questionar. Não esqueço que o mundo gira a todo instante, que a certeza de ontem é a dúvida de hoje, embora nem tudo o que aprendemos há dez anos está ultrapassado. Não posso embarcar em modismos pedagógicos que não me dão retorno sem a devida reflexão, sem ter certeza de que estou fazendo o meu melhor. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p.43).

Acredito que nenhuma mudança metodológica ocorrerá se não houver postura do professor e isso não acontece da noite para o dia, sem reflexão sobre sua própria prática, buscando em que ponto pode melhorar, em que ponto o “novo” pode ser incorporado à sua prática docente. Isso deve ser um processo constante, pois as novas práticas não podem ser ignoradas, mas também não podemos fazer de nossos alunos “cobaias” de experiências metodológicas.

Saber analisar e explicitar sua prática permite o exercício de uma lucidez profissional que jamais é total e definitiva, pela simples razão de que também temos necessidade, para permanecermos vivos, de nos contar histórias. Uma prática reflexiva não se fundamenta só em saber analisar,, mas em uma forma de “sabedoria” que permite encontrar seu caminho entre a autossatisfação conservadora e a autodifamação destruidora. (PERRENOUD, 2000, p.160).

O curso ofereceu um conjunto de componentes curriculares que foi significativo para a elaboração de uma visão complexa sobre a educação na contemporaneidade. O estudo de fundamentos da educação através de disciplinas relacionadas com a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia foi fundamental para a ampliação de uma perspectiva multidimensional.

Nas aulas de Gestão, tivemos relatos de vivências que mostraram a angústia que vivi no período de 2012 com a imposição da nova metodologia pela Secretaria Municipal de Educação. O medo não era apenas meu, mas da maioria dos colegas

que trabalhavam como professores assim como eu e que também sofrem com as imposições metodológicas decorrentes de mudanças administrativas. Muito cômodo nossos superiores impor ordens, onde muitas vezes como professores fazem o que fazemos.

As teorias que tive foram bem aproveitadas. Tentei coloca-las em prática sempre, transformando e buscando renovar meus conceitos diante da educação, porque na prática muitas vezes ocorrem diferentes ações do que muitos autores sugerem ou supõem. Estar diante do aluno não significa apenas alfabetiza-lo e entregar como um pacote feito, pronto e acabado para a vida. Lecionar é muito mais que ensinar, é educar, é alfabetizar, é mostrar o que realmente a vida tem a oferecer. Lecionar é transmitir valores, é trocar conhecimentos é muito mais aprender do que ensinar.

A disciplina Produção de texto em Português era fascinante. Conhecemos alguns grandes pensadores em educação e que contribuíram com estudos em relação a aquisição da escrita (como Piaget e Vigotsky). Ao fazer a leitura dos textos ia recordando situações ocorridas com meus alunos. Era como se estivesse vivenciando cada momento em sala de aula e vendo o rostinho de cada um deles.

A disciplina de História Cultura Afro-Brasileira e dos Povos Indígenas essas me deixou com muitas indagações, pois pude perceber como ainda existe dificuldade em lidar com essas disciplinas no dia a dia em sala de aula. A educação indígena é palco de reflexões polêmicas sobre sua forma de execução, visto que há uma globalização do saber eurocentrada, ditando regras, comportamentos, conhecimentos, formas de ação, entre outros aspectos inerentes a esta perspectiva. Desse modo, os saberes indígenas acumulados historicamente por suas etnias têm-se esvaído diante do poderio das ideias e pensamentos filosóficos ocidentais.

A relação do estudante com o professor, na escola, é mediada pelo conhecimento. O professor detém o conhecimento formal que o educando necessita apreender, sendo que a ação pedagógica promovida se constitua numa relação horizontalizada, de modo que o educador não se coloque em atitude autoritária em relação aos conteúdos e, principalmente com o estudante.

Em nossa sala de aula, cada criança carrega um conjunto de elementos culturais, modos de fazer, modos de ver o mundo, que estão intrínsecos aos locais que frequenta e convive. Diante desse cenário, vamos nos deparar com crianças

com inúmeras dificuldades em conviver com a diversidade étnica, pois, em muito, elas são ensinadas nos seus espaços de convivência para uma negação do outro. A partir dessas disciplinas, compreendemos que a história e cultura afro-brasileira e indígena, apesar da obrigatoriedade disposta na Lei 11.645/08, infelizmente, ainda são tratadas na escola como datas comemorativas e não em amplos processos educativos que envolvam todo o currículo escolar. Nosso maior desafio é mudar essa realidade. Cabe a nós professores despertar as crianças para a beleza, a significância e a rica diversidade étnica que foi possível ser construída pelos diferentes povos, em diferentes locais.

As apresentações de trabalhos (seminários), famosos seminários, que muitas vezes me assustavam, pois tinha que estar frente a frente com o professor e muitas vezes com uma plateia maior. Aquele frio na barriga se traduziu em momentos de troca de saberes e ampliaram o entendimento sobre a importância de que sejam dadas oportunidades para que os professores se aproximem entre si como agentes da produção de conhecimento e expressão de ideias.

O diferencial que está sendo apresentado na contemporaneidade quanto à inclusão dos sujeitos sociais passa pela discussão sobre a necessária descentralização dos meios de produção e circulação da informação, no entanto a apropriação a ser realizada é relativa ao nível de conhecimento construído nos diferentes grupos, até mesmo para explorar as diferentes possibilidades que já fazem parte da realidade atual.

Posso dizer que todas as disciplinas feitas durante o curso de Pedagogia foram importantíssimas para uma mudança na postura pedagógica, pois para que esta aconteça é necessário antes mudar a forma de pensar, na minha prática pedagógica como estou atuando, como olho meus alunos e vejo o desenvolvimento deles de forma diferenciada, levando sempre em consideração o saber de cada um.

A prática de estágios que é a chave para possibilitar uma maior aproximação com as demandas sociais e da escola e está hoje presente na formação inicial de professores. É uma necessidade lógica para que se possa formar um profissional da educação com condições de entender e desenvolver um trabalho com qualidade e com significado para o aluno e para o professor. O estágio faz com que o aluno de pedagogia entre em contato com os contextos reais e com as escolas nas suas variadas formas de organizações, seja pública ou privada.

Esta prática deve ser ampla, onde sejam contempladas as dimensões das interações humanas e sociais, onde permita a eles compreender as diferenças, habilitando-os a estabelecer um diálogo com a diversidade, ou seja, compreender as diferenças e através delas entender de sua prática.

Enfim, o estágio é um processo de aprendizagem indispensável para um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de sua formação. Nele está a oportunidade de assimilar a teoria e a prática, conhecer a realidade do dia-a-dia, no que o acadêmico escolheu para exercer e entender a realidade que se vive e que irá trabalhar. No período do meu estágio pude ter a certeza de que realmente era esse o curso que devia fazer, pois já exerço a profissão há alguns anos e com isso só pude aperfeiçoar o meu conhecimento e melhorar a minha prática como professora.

É importante também destacar que não devo guardar todo o conhecimento para mim. Professor deve ser sempre um agente propagador de informações e está sempre disposto a ajudar e a aprender. É essencial compartilhar os conhecimentos que temos e saber ouvir as pessoas, pois educação se faz através de debates, discussões, estudos e colaboração.

Falar da importância e das contribuições das disciplinas é gratificante. Consciente do valor de cada uma e o quanto permitiram uma melhor compreensão da minha prática como professora. Hoje tenho uma nova postura facilitando o meu desempenho em sala de aula. Todas as disciplinas foram de extrema importância para minha formação profissional, despertando sempre novas ideias, fortalecendo o meu conhecimento e facilitando a minha prática pedagógica.

3.2 A realidade da prática e as metodologias de ensino

Acredito que, por sermos sujeitos históricos, os momentos que vivemos e que formaram a pessoa que somos hoje têm grande influência em nossas escolhas, tanto pessoais quanto profissionais, por isso iniciei este trabalho relatando alguns acontecimentos da minha vida pessoal que influenciaram na escolha profissional como professora.

Ao longo da história, a educação brasileira encontra-se com altos níveis de repetência e fracasso escolar. Toda a causa desta problemática é deslocada ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente no que tange ao processo de

aquisição de leitura e de escrita, principalmente quando os alunos provêm de grupos não letrados.

Para “garantir” um aprendizado de qualidade, a educação brasileira se transforma em um mundo de modismos. Num momento dia seguimos uma determinada concepção de ensino, em outro momento, seguimos outra e outra e outra; parece que estamos em um laboratório pedagógico, aplicando testes embutidos de ideais políticos que nada mais são do que “pacotes” prontos que caem de paraquedas nas escolas na forma de reformasse políticas educacionais.

Atualmente, o Construtivismo, paradigma teórico fundamentado em Piaget vem conquistando diferentes profissionais da educação, trazendo à tona grandes questionamentos referentes à maneira como ocorre o aprendizado e qual o papel do professor diante desta abordagem teórica. No construtivismo, o oposto da linha tradicional, o centro do processo de ensino aprendizagem deixa de ser o professor e passa a ser o próprio aluno, onde o mesmo atua como um agente ativo e participativo da construção de seu próprio conhecimento.

Dentro deste contexto, muitos educadores acreditam que o construtivismo é um método que determina o que se deve ou não fazer, e que o professor deve apenas assumir o papel de um observador passivo, que espera a hora certa do aluno aprender. O erro do aluno também passa a não ser mais considerado. Penso que dentro deste paradigma o professor não deverá mais corrigir. Sabe-se que isso não passa de um mal entendido, pois o construtivismo nada mais é que uma teoria que mostra como o aluno aprende e como o professor deve intervir, de modo que haja o conflito, pois segundo Piaget este é necessário para o acontecimento do aprendizado. Sendo assim:

[...] as mudanças necessárias para enfrentar bases novas a alfabetização inicial, não se resolvem com um método de ensino, nem com novos testes de prontidão, nem com novos materiais didáticos. É preciso mudar os pontos pôr onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir quando consideramos a alfabetização a escrita como representação de linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognocente, alguém que pensa, que constrói interpretações que age sobre o seu real ou para fazê-lo seu. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 8).

Não basta ao professor apenas uma formação teórica. É preciso que ele se comprometa com a aprendizagem de seu aluno, com a educação de maneira geral, como nos ensina Rubem Alves (1990):

Os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” si gerais, portador de um nome, também de uma estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. (ALVES, 1980, p.13).

Em meio a tantas dificuldades que encontro ao longo da caminhada, a paixão que tenho por ensinar não se mantém viva dentro de mim todos os dias; as dificuldades fazem com que ela se esfrie, mas fica uma pequena chama que sempre reacende hora mais forte, hora mais fraca, mas tenho certeza que esta jamais morrerá dentro de mim. É isso que não me faz desistir e que me fez chegar até aqui e seguir mais adiante.

3.3 A relação professor-aluno

A afetividade é algo abstrato que envolve a relação entre os Homens. E o fato de relacionar-se com o outro por vezes podem ser conflituosos. Contudo, aquele professor que age com afeto é sempre lembrado pelo seu aluno, os professores inesquecíveis positivamente são aqueles que souberam nos olhar e nos compreender mesmo que sem palavras.

É através do brincar que a criança explora o mundo que vive. Em momentos do brincar você pode conhecer muito de uma criança. No brincar ela vai expressar o que vive em casa, seus medos, suas angustias, aquilo que gosta e o que não gosta. A brincadeira permite vivência, permite conhecer o desconhecido, se lançar ao imaginário trazendo ganhos para o indivíduo. Segundo Cunha (1998),

Brincar é essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria, também porque na brincadeira não há trapaça, há sinceridade, engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo isso desenvolvendo a atenção, concentração e muitas outras habilidades (CUNHA, 1998, p. 39).

O aluno, para estar preparado para o ato da aprendizagem, necessita sentir-se receptivo à matéria. Professor e aluno necessitam estar em um trabalho

construtivo de diálogo e parceria, para que o processo de ensino e aprendizagem se torne possível e prazeroso.

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo. A relação professor- aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseiam no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes. Podemos observar dois aspectos da interação professor-aluno: o aspecto da transmissão de conhecimento e a própria relação pessoal entre professor e aluno e as normas disciplinares impostas. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, lhe fortalecer as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

A sensibilidade deve estar presente em um olhar, um gesto, um diálogo de modo que integre à visão do aluno, fazendo-o compreender a sua realidade. Segundo, Siqueira; Neto; Florência (2011, p.6): “O educador sensível é aquele que questiona suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade, verbalizando uma realidade vista a seu modo, com suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas”.

Pode-se dizer que na escola, a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Por esse motivo, se justifica a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

3.4 A minha estrutura

Na busca por compreender a dinâmica dos processos de ensino aprendizagem no contexto atual, marcados pela presença de novas formas de comunicação, interação e relação com o conhecimento, busquei com a minha pesquisa no memorial refletir acerca das condições sobre o processo de alfabetização. Faz parte desses movimento de acontecimentos vivenciados no

período do curso de Pedagogia a realização de inúmeras atividades formais e informais nas quais puderam compartilhar as ideias que vinha elaborando durante o processo de produção do memorial. A cada oportunidade para falar sobre o que estava pesquisando, era possível me surpreender repensando aspectos relacionados com o memorial ou com o campo de atuação enquanto professora sujeito da contemporaneidade, escrevendo textos reflexivos e alterando minha forma de perceber o mundo a minha volta.

Cabe ao professor avaliar de modo crítico essas propostas oficiais. Em que momentos, no planejamento escolar, verificamos, por exemplo, a teoria ou as teorias da educação que fundamentam determinadas propostas? Em que concepções de Homem e de Sociedade elas se baseiam? A que finalidades, a que valores e interesses tais propostas se colocam? Já paramos para pensar que podemos estar tendo nosso trabalho direcionado e controlado, e que acabamos agindo exatamente da forma que o sistema requer? Eu mesma, antes dessa tomada de consciência, acreditava piamente no discurso ouvido. A educação, enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. Portanto, a educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica.

A educação constitui, então, um processo de transmissão cultural no sentido amplo do termo (valores, normas, atitudes, experiências, imagens, representações) cuja função principal é a reprodução do sistema social. Mas que sentido pode ser dado, então, à educação, como um todo, dentro da sociedade? A resposta a essa indagação configura os diferentes grupos, ou melhor, as diferentes tendências filosóficas de interpretação do papel da educação na sociedade, nos seus diferentes estágios evolutivos. As principais tendências - educação como redenção; educação como reprodução; e educação como transformação da sociedade – explicam algumas perspectivas educacionais que permeiam nossas escolas.

Tomo emprestada uma citação que Saviani (1997) faz de Althusser, e que define bem o papel que tantas vezes desempenhamos crentes de estarmos fazendo o certo:

Peço desculpas aos professores que, em condições terríveis, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas em que este os encerra, as armas que podem encontrar na história e no saber que 'ensinam'. Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quantos (a maioria) não têm sequer um vislumbre de dúvida quanto ao 'trabalho' que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, pior, dedicam-se inteiramente e em toda consciência à realização desse trabalho (os famosos métodos novos!). Têm tão poucas dúvidas, que contribuem até pelo seu devotamento a manter e a alimentar a representação ideológica da Escola que a torna hoje tão 'natural', indispensável, útil e até benfazeja aos nossos contemporâneos, quanto a igreja era 'natural', indispensável e generosa para os nossos antepassados de há séculos. (ALTHUSSER, s/d, p. 67-68).

Hoje, isso me parece muito claro, mas nem sempre foi assim, nem sempre tive a consciência de que essas propostas, nas quais nos baseamos para planejar nosso trabalho (e até nos vangloriamos disso), refletem a política educacional vigente, cujos objetivos educacionais podem não ser aqueles que desejamos e sabemos necessários para nossos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembrar a trajetória de formações que tive e que me fizeram chegar neste ponto é poder apresentar e mostrar as minhas experiências na área da docência e afirmar que a formação de um profissional para atuação em classes de magistério ou numa licenciatura obtida através de curso de graduação, deixa claro que não são os processos formativos que nos colocam a frente das inovações, mas o nosso desempenho enquanto profissional em assumir aquilo que desejamos alcançar profissionalmente.

De fato, não podemos negar que esses fatores nos elevam a um patamar de descobertas e inovações. É essencial lembrar um dos paradigmas do desenvolvimento humano, resume-se em "Aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida depende fundamentalmente de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez". Se colocarmos nosso pensamento, veremos que somos frutos das oportunidades que tivemos ao longo da vida e das escolhas que estamos

fazendo no decorrer dela. E essas escolhas são fatores determinantes em nossa trajetória pessoal.

As experiências vivenciadas no decorrer deste curso servirão como suporte para reflexões e melhorias na minha prática pedagógica, lembrar a trajetória de formações que tive e que me fez chegar neste ponto, poder apresentar e mostrar as minhas experiências na área da docência. A atuação em classes de magistério ou numa licenciatura obtida através de curso de graduação deixa claro que não são os processos formativos que nos colocam a frente das inovações, mas o nosso desempenho enquanto profissional em assumir aquilo que desejamos alcançar profissionalmente.

Fazer escolhas, tomar decisões, optar por definições no rumo de nossa existência é o que faz nos dizer que as nossas decisões na vida são ações delas decorrentes e que nos fazem ser o que somos. Em muitos momentos fazemos indagações ou buscamos responsáveis por aquilo que não deu certo, ou que não veio a acontecer, ou que tenha acontecido em nossa vida tanto pessoal como na vida profissional.

Termino aqui meu memorial deixando escrito um pouco da minha história acadêmica e junto também um pouco da minha felicidade em dizer que hoje tenho uma graduação. Não pretendo parar por aqui e com fé em Deus, assim como ele me concebeu essa vitória, tenho certeza que ele irá me ajudar a chegar mais adiante e conseguir concluir a graduação de Psicologia a qual me encontro no segundo período e fazer mestrado, pois acredito que ser professor é sonhar com o futuro que poderá ser modificado se o empenho para tal for realizado, mas para isso temos que estar sempre buscando, estudando, pesquisando.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar**, São Paulo; Cortez; Autores Associados 1989.

ANDRADE, Cleusa Pires de. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

FERREIRA, J. R.; GLAT, R. Reformas educacionais pós-LDB: a inclusão do aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização. In: SOUZA, D. B.; FARIA, L. C. M. (Orgs.) **Descentralização, municipalização e financiamento da Educação no Brasil pós-LDB**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita** . Porto alegre: Artes Médicas,1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROSA, Guimarães. São Paulo. **Grande Sertão: Veredas**. Escala Educacional. ano 1986, p. 172

LIBÂNEO, José Carlos. Formação de Professores e Nova Qualidade Educacional - Apontamentos Para Um Balanço Crítico. **Educativa - Rev. Dep.Educação UCG**, Goiânia - GO, v. 3, p. 43-70, 2000

MANTOAN, Teresa E.; PRIETO, Rosângela G. In: ARANTES, Valéria A. (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Ed. Summus, 2006

MELLO, Thiago de. **Faz escuro, mas eu canto**. IN: Faz escuro, mas eu canto, Bertrand Brasil, 17ª edição, 1999).

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Editora: Artes Médicas Sul, 2000. Porto Alegre.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira; NETO, Demuniz Diniz da Silva; FLORÊNCIA, Rutemara. **A Importância da Afetividade da Aprendizagem dos Alunos, Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil**. 2011. Disponível em:<http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf> Acesso em: 29/09/2017.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2000.